ADunicamp
Associação de Docentes da Universidade Estadual de Campinas - Seção Sindical - 18/10/2017

ANDES
SINDICATO NACIONAL
CSP - CONLUTAS

SOS UNIVERSIDADE PÚBLICA

EM DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA, GRATUITA, DE QUALIDADE E SOCIALMENTE REFERENCIADA

ENSINO PÚBLICO: DEFENDER ANTES QUE ACABE

As universidades públicas brasileiras vivem hoje o risco de um sucateamento e desmonte sem precedentes na história. O mesmo ocorre com as instituições públicas de pesquisa e o ensino público em todos os níveis.

Esse desmonte da pesquisa e do ensino públicos caminha a par e passo com o projeto também sem precedentes de privatização das companhias e recursos do Estado brasileiro. Um projeto de privatização contestado inclusive por expoentes da defesa do 'Estado mínimo' *(leia texto neste boletim)*.

O ataque em curso ao ensino público e à pesquisa pública é um projeto político conduzido a toque de caixa, e sem consulta à sociedade, pelo governo de Michel Temer que, conforme atestam os institutos de pesquisa, é o mais rejeitado pela população na história recente do País.

De acordo com dados recém-divulgados pelo Ministério da Educação e pelo Censo da Educação Superior, o corte de verbas para a manutenção e investimento nas universidades federais – iniciado no final do governo de Dilma Rousseff e fortemente acelerado no governo Temer – chegou a 3,38 bilhões de reais nos últimos três anos. Por outro lado, entre 2006 e 2015, o número de alunos nas

federais praticamente dobrou, passando de 589 mil para 1,1 milhão.

Os cortes nas estaduais, repetidamente apontados e denunciados pelo ANDES (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) não são menos dramáticos e vão muito além do emblemático exemplo da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). A crise financeira, decorrente da crise de financiamento, das universidades paulistas tem sido repetidamente denunciada pela ADunicamp e por todas as outras entidades ligadas ao Fórum das Seis (F6).

Para além do impacto negativo nos salários e benefícios de servidores tanto docentes quanto técnico-administrativos, os cortes atingem também o número de bolsas para os alunos e as verbas para manutenção de equipamentos (dentre os quais alguns de valores milionários e quebrados há anos) e mesmo a manutenção e limpeza feita por trabalhadores terceirizados e precarizados que atuam no neste campo (situação que, em si, já é um escândalo).

Recentemente, o Andes publicou um comunicado sobre os cortes que afetam a área de Ciência e Tecnologia do país, com dados sobre as fortes limitações financeiras que vêm sendo impostas ao setor. As consequências de tais cortes, na avaliação do ANDES-SN, são muito graves e põem em risco todo o complexo público de C&T nacional.

No comunicado, a entidade informa que as "despesas federais com o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações vêm decaindo ano após ano, atingindo limites extremos nos dias atuais, com o iminente risco de suspensão de obrigações assumidas pelo mais importante órgão de fomento à pesquisa vinculado ao Ministério, o CNPq. O ano começou com uma previsão orçamentária de R$ 4,6 bilhões para a pasta e um contingenciamento de 500 milhões, o que implicava num montante para gasto de apenas 4,1 bilhões de reais. Este é o menor volume de recursos destinado ao Ministério desde 2003 (R$ 5,9 bilhões), representando pouco menos da metade dos gastos de 2014 (R$ 8,5 bilhões) e 40% das despesas realizadas em 2010 (R$ 11,5 bilhões) a preços de janeiro de 2017".

Já quando se refere ao montante de recursos destinado ao CNPq, o documento informa que, em "preços de janeiro de 2017, as despesas federais com o CNPq foram da ordem de R$ 2,5 bilhões em 2013, caindo para R$ 1,3 bilhão em 2016, com o mesmo valor previsto para 2017. Todavia, o órgão só foi autorizado a gastar 56% deste valor, o que equivale a R$ 730 milhões, montante já quase inteiramente consumido até o presente momento (agosto de 2017)". Isto explica, por exemplo, a diminuição das bolsas de iniciação científica e tecnológica de 85.139 em 2014 para 54.621 atualmente. Na mesma direção, as bolsas de mestrado e doutorado no país decaíram de 26.573 para 23.312 no mesmo período. Situação mais grave ocorre com os auxílios à pesquisa, que contam hoje com aporte de apenas R$ 15,2 milhões contra os R$ 631,6 milhões gastos em 2014.

A retórica do desmonte busca apoio em setores mal informados da sociedade

O impacto deste desmonte no futuro e na soberania da ciência e da tecnologia nacionais apenas começa a ser discutido de forma mais ampla nas universidades e institutos de pesquisa. Mas o debate encontra ressonância praticamente nula nos amplos setores da sociedade que serão duramente afetados pelo desmonte em curso.

A maioria dos veículos de comunicação, aos quais caberia construir a ponte de debates com o conjunto da sociedade, se omite ou é parcial sobre o tema – por omissão ou opção.

No sentido contrário, forças interessadas e engajadas no projeto de desmonte do ensino, da pesquisa e das instituições e empresas públicas brasileiras mostram-se cada vez mais fortes e organizadas.

Na comunicação com a sociedade, essas forças têm construído pontes que merecem, com urgência, uma análise mais profunda da academia e de todos os que defendem a universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.

A comunicação desses grupos é revestida de um discurso de ódio, geralmente simplório e moralista, contra tudo o que é público ou estatal. Sem qualquer discussão, distinção de questões ou debate amplo.

Na maioria dos casos, são utilizadas redes sociais para atingir em especial os segmentos menos informados da sociedade. Os agentes do discurso insistem, sempre, em afirmar que atuam em movimentos surgidos espontaneamente, principalmente a partir das manifestações de rua de 2013.

O discurso é sempre fortemente moralista, não sendo difícil uma deliberada atitude em desinformar, ao publicar vídeos e informações duvidosas sem informar quais são suas fontes. Um bom exemplo é o episódio da

querela entre o MBL e a Agência Pública: goo.gl/Na9ZDA. Abusa de slogans e conceitos simplistas, disparados em memes pelas redes sociais, com o objetivo principal de provocar impacto em setores menos informados da sociedade. "Combate à corrupção", "fim das mordomias estatais", "escola sem partido", "político é tudo corrupto" etc.

Porém, como veremos neste Boletim da ADunicamp, o principal movimento articulador da comunicação desse discurso junto à sociedade está longe de ser espontâneo e é rigorosamente articulado.

Assim, com o objetivo de ampliar e fornecer informações a este debate, a ADunicamp publica o presente boletim. Trata-se de um material de conteúdo jornalístico, com pesquisa de campo focada em identificar os principais agentes, suas origens e as características do discurso empregado por eles para atacar o ensino, a pesquisa e as instituições públicas.

O principal agente desse discurso na área da comunicação e nas redes sociais, conforme identificou a pesquisa de campo, é o autodenominado MBL (Movimento Brasil Livre). Por isso, é dele que trataremos aqui.

Tendo em vista uma tradição claramente consolidada, reiterada via decisões coletivas de incontáveis assembleias de docentes ao longo da história da entidade, entende-se que a ADunicamp tem o dever de se posicionar em defesa da **universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.** Essa posição tem sido defendida pelos últimos reitores da Unicamp e é reiterada pelo atual, Marcelo Knobel, que tem saído em defesa da universidade pública tanto em seus pronunciamentos para o público interno como para o público externo à Universidade. Recente artigo, assinado por ele e pela vice-reitora Teresa Dib Zambon Atvars, publicado no jornal O Estado de São Paulo em 4 de maio, afirma: "Por isso entendemos que, principalmente neste momento, a sociedade em geral e a comunidade acadêmica em particular precisam defender as bases para uma universidade pública gratuita, de qualidade e com autonomia, que valorize o diálogo e esteja atenta às mudanças de nossos dias. Essa defesa é ainda mais necessária no momento em que as três universidades públicas paulistas (USP, Unicamp e Unesp) atravessam uma crise orçamentária sem precedentes, como decorrência direta do quadro recessivo instalado no País nos últimos três anos".(https://goo.gl/HXRpCe). ■

ADunicamp 40 anos
Uma trajetória de Lutas
https://goo.gl/AS8STb

Atual Situação Financeira da Unicamp
Debate realizado em 14/09/2017
assista: https://goo.gl/kFvKdY

Atual Situação Financeira das Estaduais e Municipais
Debate realizado em 26/09/2017
assista: https://goo.gl/47sytn

ADunicamp

ANDES

CRISE DE FINANCIAMENTO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PAULISTAS

leia em: https://goo.gl/61Yt9v

BOLETIM DO

FORUM das seis

24 de junho de 2016

Audiência pública na Alesp expôs a crise de financiamento das estaduais paulistas

A poucos dias da votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias, cresce a mobilização por mais recursos. Representantes sindicais e estudantis denunciaram o desmonte, o arrocho e a repressão

Fórum agenda novo ato unificado para 29/6, dia em que se discute o relatório da LDO/2017 e que pode haver a votação final em plenário

leia em: https://goo.gl/YRRw45

Carta Capital

Após a destruir a arena pública, onde e como a nova direita quer construir conhecimento?

https://goo.gl/4RG5hg

páginaB | Uma Outra Visão

Olhar feminino contra o MBL, mas também contra a patrulha do Pensamento

https://goo.gl/DpoYsD

MADE IN USA

MBL USA SALA DA UNICAMP PARA DEFENDER A PRIVATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE

Proibição do debate político nas escolas, fim das cotas raciais e sociais e de outros programas de inclusão nas universidades públicas e, por fim, a extinção, via privatização, da própria universidade pública – estas são as principais propostas do Movimento Brasil Livre (MBL) para a educação no país. Exemplos concretos são as propostas de acesso à escola pública/universidade por meio de 'vouchers'; de militarização de escolas em áreas de risco; de privatização da gestão de escolas públicas (cf.: https://goo.gl/CyfkMo). Era de se esperar que defensores de uma pauta com esse grau de desprezo pela realidade brasileira e pela própria educação não encontrassem o menor abrigo para suas ideias em uma universidade pública do país. Mas não é exatamente isso o que tem ocorrido em alguns espaços (ainda que estreitos) da Unicamp. Inclusive com o apoio de alguns professores, lideranças e militantes do MBL têm encontrado espaço para se movimentar livremente na busca de adeptos de suas causas, promovendo palestra em sala de aula e atos públicos em diversos pontos do campus universitário. Nessas palestras, como aconteceu no dia 11 de abril deste ano em uma sala de aula do Instituto de Computação, Kim Kataguiri e Artur do Val, lideranças do MBL, além dos costumeiros elogios ao deus mercado, vociferaram contra os avanços democráticos conquistados pela sociedade brasileira nos anos recentes. E desfiaram um proselitismo ingênuo que vendem como "apolítico" – ou, mais precisamente, como "apartidário". Será? Veremos a seguir.

Mas o que é, afinal, o MBL, onde surgiu, quem são seus líderes e que ideias defendem? E, principalmente, de onde vem o dinheiro que banca as atividades do grupo?

Uma das respostas que já podemos adiantar é que o grupo, ou movimento, como preferem, não nasceu no Brasil, mas nos Estados Unidos. E é dos Estados Unidos que vem parte do dinheiro que paga seus jovens líderes brasileiros.

À mesa com Temer. Entre os vários agrupamentos políticos de orientação conservadora surgidos no Brasil no vácuo criado pela crise econômica, potencializada pela crise política que se arrastava desde 2013, o MBL é o mais bem sucedido. Essa crise econômica foi certamente potencializada pela crise política, podendo-se até afirmar que o aprofundamento da crise econômica fez parte de uma estratégia política deliberada de amplos setores conservadores. Em pouquíssimo tempo, o MBL ganhou espaços privilegiados na grande imprensa e viu crescer sua influência junto a instâncias de poder governamentais – a ponto de as jovens lideranças do movimento serem recebidas corriqueiramente em gabinetes oficiais de Brasília para darem palpites sobre assuntos que afetam de perto a vida de cada brasileiro. Por exemplo, em setembro de 2016, no auge da rejeição popular à reforma trabalhista e da Previdência, o principal porta-voz do MBL, Kim Kataguiri, foi convocado pelo governo Temer para participar das discussões sobre como tornar as reformas mais "palatáveis" à população.

Outro sinal do prestígio conquistado pelo MBL junto ao establishment

Kim Kataguiri em palestra na universidade

conservador do país está nos nomes que atraiu para o seu segundo Congresso Nacional, realizado em novembro de 2016 em São Paulo: o ministro do STF Gilmar Mendes, o prefeito paulistano João Doria e o ministro da educação de Temer, José Mendonça Filho. O encontro também teve a presença da jurista Janaína Paschoal, "musa" do impeachment, e subcelebridades como o humorista e apresentador de TV Danilo Gentili.

É possível resumir como o MBL atingiu tão rapidamente esse status. A primeira aparição pública do movimento foi em novembro de 2014, quando promoveu uma manifestação que reuniu cinco mil pessoas defronte ao Masp (Museu de Arte de São Paulo), na Avenida Paulista, em São Paulo, pela punição dos investigados na Operação Lava Jato. O êxito dessa primeira manifestação abriu caminho para o MBL promover atos por todo o país, com grande presença de populares. Como se sabe, as manifestações populares foram de grande utilidade para as forças que já vinham agindo para a queda do governo eleito de Dilma Rousseff – elas eram, afinal, a "voz das ruas". De passagem, registre-se: essas manifestações foram notadamente de classe média. Ainda que a presença tenha sido massiva, todas as pesquisas indicam que 2/3 do público eram formados por pessoas com renda familiar superior a dez salários mínimos e nível superior completo ou incompleto. Seja como for, com o impeachment consumado, o MBL apresentou a fatura e passou a sentar-se à mesa do poder.

O MBL começou a tornar-se conhecido em 2014, com as manifestações de rua contra a presidente, mas a história do grupo – ou movimento, como preferem – começou antes. E não foi no Brasil que essa história começou, mas nos Estados Unidos.

É nos EUA, mais exatamente em Washington, que tem sede a Atlas Economic Research Foundation, espécie de meta think tank, especializada em fomentar a criação de outras organizações difusoras do ultraliberalismo no mundo, mas principalmente na América Latina e nos países do

'LIBERAL E REPUBLICANO'. CONHEÇA ALGUMAS POSIÇÕES DO MBL

O MBL não recusa, mas também não incentiva, o uso por seus integrantes, do termo "direita" para situar a posição do movimento no espectro político. Prefere a denominação liberal e republicano. Em seu manifesto, o movimento cita cinco objetivos: "Imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras".

A seguir, a posição e as propostas encampadas pelo MBL para as várias áreas da vida do país em que o estado está presente "mas não devia estar", segundo o ideário do movimento, definido nos Estados Unidos pelos ultraliberais da Atlas, a dona da franquia explorada no Brasil pelo MBL:

***Educação** – A principal bandeira erguida hoje pelo MBL é o Programa Escola sem Partido, ou apenas Escola sem Partido, que é um movimento político criado em 2004 no Brasil e divulgado em todo o país pelo advogado Miguel Nagib. Ele e os defensores do movimento afirmam representar pais e estudantes contrários ao que chamam de "doutrinação ideológica" nas escolas. Ganhou notoriedade em 2015 desde que projetos de lei inspirados no movimento começaram a ser apresentados e debatidos em inúmeras câmaras municipais, inclusive em Campinas, e assembleias legislativas pelo país, bem como no Congresso Nacional. É também pela privatização do ensino no País e pela legalização do ensino domiciliar.*

***Saúde** – Entre outras propostas, o MBL prega a extinção de todos os tributos sobre medicamentos ou aparelhos médicos, abertura do mercado hospitalar a empresas estrangeiras, desburocratização de operadoras de plano de saúde – que, a médio prazo, substituiriam o SUS, decretando assim a extinção da cobertura universal do atendimento à saúde por parte do governo.*

***Economia** – O MBL defende a eliminação dos controles de salários, preços, aluguéis, lucros, produção e juros; fim dos monopólios estatais; privatização das empresas públicas e sociedades de economia mista; fim da interferência governamental nas relações trabalhistas com total liberdade entre as partes; liberdade de organização sindical; livre mercado com circulação de bens, produtos e serviços.*

Os líderes do MBL afirmam que os recursos do movimento vêm apenas de doações espontâneas de seus seguidores e da venda de camisetas, canecas, botoons e pixulecos. Para os seus seguidores e apoiadores, isso os torna honrados e independentes.

Para o MBL, o Estado e a política não podem ter ideologia. Mas, honrados e bons, eles defendem ideologia claramente identificada. E também um Estado com ideologia claramente identificada.

Leste Europeu. O objetivo é a formação de jovens lideranças políticas que passarão a atuar na defesa das práticas liberais e contra tudo o que signifique avanço da legislação e das políticas públicas na direção de maior justiça social.

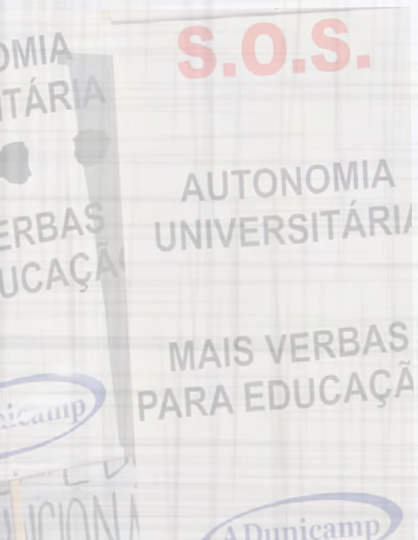
Ajuda de custo. Os recursos para bancar o treinamento e, depois, bancar o próprio sustento desses líderes – até que eles passem a se virar "por conta própria", elegendo-se a algum cargo público, por exemplo – vêm de grandes empresários norte-americanos ligados ao setor da exploração petrolífera, através de doações pessoais devidamente declaradas ao fisco. Mas é preciso seguir o caminho tortuoso do dinheiro para entender como ele sai dos Estados Unidos para financiar programas de "formação" de jovens defensores das ideias ultraliberais pelo mundo – o que é permitido pela legislação norte-americana –, e como esse dinheiro acaba por financiar também a realização de manifestações de rua e atos públicos, o que é um claro desrespeito à lei, tanto a norte-americana como a brasileira.

De acordo com o formulário 990, que todas as organizações filantrópicas dos Estados Unidos têm de entregar ao IRS (a receita federal de lá), a arrecadação da Atlas em 2013 foi de US$ 11,459 milhões. Os recursos destinados para atividades fora dos Estados Unidos foram de US$ 6,1 milhões, dos quais US$ 2,8 milhões para a América Central e US$ 595 mil para a América do Sul. Parte desse dinheiro veio para uma associação de estudantes ultraliberais com sede em Belo Horizonte e denominada EPL. Qualquer proximidade sonora com o MBL não é mera coincidência.

O MBL, na verdade, é a marca de fantasia do EPL (Estudantes Pela Liberdade), por sua vez uma versão brasileira autorizada do norte-americano Students for Liberty (SFL), este, criado exatamente pela Atlas para ser o braço estudantil do ultraliberalismo nos campi universitários norte-americanos. O próprio Estudantes Pela Liberdade foi criado nos EUA, dentro da Atlas, em 2012. Parece confuso? E é mesmo, mas o próprio diretor executivo do Estudantes Pela Liberdade, Juliano Torres, explica melhor a história.

Os líderes e porta-vozes do EPL e do MBL são orientados a não falar com órgãos da mídia independente, mas Torres escapou do figurino em junho de 2015, quando foi entrevistado pela jornalista Marina Amaral, da Agência Pública de Jornalismo Investigativo. Na entrevista, que concedeu por telefone, o diretor executivo do Estudantes Pela Liberdade, bastante loquaz naquele dia, foi bem claro sobre a ligação entre o EPL e o MBL. Vamos seguir suas palavras: "Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá [nos EUA], nós não podemos desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: 'Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização, para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, o Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook."

Prossegue o diretor do EPL: "Aí, acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil likes na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguiri] e o Renan [Santos – ?], que afinal deram uma guinada incrível no mo-



MATRIZ DO MBL, PENSAMENTO ULTRALIBERAL JÁ APOIOU ATÉ A DITADURA DE PINOCHET

As ideias que os jovens porta-vozes do MBL defendem nos eventos de que participam e nas postagens nas redes sociais – coisas, por exemplo, como o fim das cotas compensatórias em nome de um ideal supostamente "meritocrático", que desconsidera a desigualdade de oportunidades existente em um país com profunda injustiça social, ou o "estado mínimo", espécie de utopia da direita em que o estado não teria outra finalidade além de garantir ao mercado o direito de funcionar de acordo com suas próprias leis, fazem parte de um programa de suposta desideologização da economia, da educação, e, até onde isso é possível, da própria política.

Pode parecer absurdo, e é, que um movimento político – portanto, ideológico, e, no caso, com uma clara ideologia de direita, negue a ideologia e a política. Mas o deus mercado, para a matriz norte-americana exportadora do ideário ultraliberal, é mais do que uma "força da natureza", é uma palavra mágica que, mediante sua simples menção, tem o poder de anular as contradições da política, das relações entre capital e trabalho e, muito provavelmente, anular as próprias contradições da vida e das relações humanas.

Ideário antigo. *O discurso que veicula as ideias do ultraliberalismo e do deus mercado começa a ser articulado a partir da crise do petróleo dos anos 1970 e é uma simplificação das ideias de economistas pró-mercado como o austríaco Friedrich Hayek (Prêmio Nobel de 1974), monetaristas da Escola de Chicago de Milton Friedman (Prêmio Nobel de 1976) e os novos clássicos associados a Robert Lucas (Prêmio Nobel de 1995), que passaram a dominar o pensamento econômico global e se tornaram conhecidos do grande público sob um único rótulo: "neoliberal". Seus conceitos foram trazidos para a América Latina pelo setor mais conservador americano, representado principalmente pelos think tanks ligados a Ronald Reagan, que depois de ter perdido as primárias republicanas em 1968 e 1976, se elegeu presidente em 1980, tendo Friedman como principal conselheiro.*

As ideias dos economistas neoliberais também predominaram no governo de Margaret Thatcher (1979-1991) na Inglaterra. "Os defensores do liberalismo clássico eram também defensores da liberdade política, mas a corrente chamada de 'neoliberal' defendia essencialmente a não intervenção do Estado na economia sem uma preocupação particular com a questão da liberdade política, chegando, em alguns casos, a apoiar sem constrangimentos governos ditatoriais como o de Pinochet no Chile", observa Luiz Carlos Delorme Prado, economista da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os neoliberais ou libertarians, como preferem ser chamados, ressurgiram com força nos Estados Unidos depois da crise de 2008 – e ao clamor subsequente pela regulamentação do mercado – e em decorrência da ascensão do democrata Barack Obama ao poder. Pregam a predominância do indivíduo sobre o Estado, a liberdade absoluta do mercado, a defesa irrestrita da propriedade privada.

Afirmam que a crise econômica que jogou 50 milhões de pessoas na pobreza não se deveu à falta de regulação do mercado financeiro, mas pela proteção do governo a alguns setores da economia [de passagem: a referida crise tem suas origens na desregulamentação promovida pelo governo de George W. Bush – filho]. Rejeitam enfaticamente os programas sociais do governo Obama. Uma parte significativa dos libertarians, contudo, tem se distanciado do tradicionalismo da direita no campo do comportamento, defendendo posições associadas à esquerda, como a defesa da liberação das drogas e a tolerância aos homossexuais, em nome da liberdade do individual. O senador republicano Rand Paul, pré-candidato à presidência, é um de seus representantes mais conhecidos.

Modernismo reacionário. *Thiago Lisboa, mestrando em filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC), dedicou-se recentemente a analisar os modelos e ancoragens do discurso do MBL, com base nas postagens de seus dirigentes, amplamente divulgados pelas redes sociais. É dele a seguinte observação: "[Modernismo reacionário] termo originalmente cunhado por Jeffrey Herf (e título de seu livro, no qual tece uma análise histórica dos elementos inerentes à cultura germânica apropriados pelo nazismo), o termo nos serve aqui em outro contexto: revelar o profundo conservadorismo e anti-progressismo por trás de uma roupagem aparentemente nova, moderna e descolada destes movimentos. Autodeclarados liberais, o liberalismo pregado por esse movimento não é o liberalismo político progressivo do século XX (tal como o engendrado por John Rawls em sua obra "Liberalismo Político" que, diga-se de passagem, hoje seria considerado como um 'esquerdista' por parte do MBL, pois Rawls defende veementemente os princípios da liberdade e da igualdade, afirmando que se as desigualdades sociais e econômicas não puderem ser eliminadas elas até podem ser toleradas, desde que altamente contidas e minimizadas o máximo possível pelas instituições sociais). O liberalismo pregado por esses movimentos é o liberalismo europeu e norte-americano do século XVIII, isto é, uma tendência política e ideológica enraizada no conservadorismo moral da época, que ainda preservava muitos traços aristocráticos e antidemocráticos".*

vimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo."

"Inclusive", prossegue Torres, "o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança. O Kim, inclusive, vai participar agora de um torneio de pôquer filantrópico que o Students For Liberty organiza em Nova York para arrecadar recursos. Ele vai ser um palestrante."

Os líderes do MBL insistem em sua independência ideológica de qualquer corrente de pensamento político e organizado. Isso os faz, aos olhos de seus seguidores, honrados e independentes.

Online com a matriz. Juliano Torres, que é remunerado no cargo, contou à jornalista Marina Amaral que tem duas reuniões online por semana com a sede americana e que ele e outros brasileiros participam anualmente de uma conferência internacional, com as despesas pagas, e de um encontro de lideranças em Washington. O orçamento do Estudantes Pela Liberdade deve alcançar R$ 300 mil. "No primeiro ano, a gente teve mais ou menos R$ 8 mil, o segundo foi para R$ 20 mil e poucos e, de 2014 para 2015, cresceu bastante", conta Torres.

"A gente recebe de outras organizações externas também, mas a Atlas, junto com a Students for Liberty, é nossa principal doadora", reconhece o diretor do EPL.

Torres prossegue: "No Brasil, as principais organizações doadoras do EPL [e, portanto, do MBL], são a Friederich Naumann, que é uma organização alemã, que não é autorizada pela lei alemã a doar dinheiro, mas sua subsidiária paga despesas para a gente. [sic.] Teve um encontro no Sul e no Sudeste, em Porto Alegre e Belo Horizonte, e eles alugaram o hotel, a hospedagem, pagaram a sala do evento, o almoço e o jantar. E tem alguns doadores individuais que fazem doação para a gente."

A fundação do EPL aconteceu em 2012 em um seminário de verão para trinta estudantes, realizado em Petrópolis e patrocinado pela Atlas Foundation. "Ali mesmo a gente fez um planejamento, e daí, logo depois, entramos em contato com a Students for Liberty para oficialmente fazer parte da rede", contou Torres à Agência Pública.

Depois disso, Torres passou por quase todo tipo de treinamento na Atlas. "Tem um programa que eles chamam de MBA, tem um treinamento em Nova York também, são treinamentos online. A gente recomenda para todas as pessoas que trabalham em posições de mais responsabilidade que passem pelos treinamentos da Atlas."

O MBL tem um discurso iracundo contra a corrupção na política e costuma atribuir toda a corrupção do país aos políticos. Mas, ainda que suas lideranças insistam em se apresentar como honradas e boas, nem todas estão necessariamente imunes às acusações de corrupção.

VINHEDO: ONDE O MBL SURGIU E NÃO ESCONDE SUA RELAÇÃO COM OS 'VELHOS POLÍTICOS'

Uma das principais bandeiras, repetidas vezes anunciada por lideranças do MBL, é o combate à corrupção e à 'velha política'. Mas mesmo que muitos de seus militantes sejam, ou se vejam como honrados e bons, há casos notórios de convívio pacífico com corrupção.

As lideranças do MBL surgiram com o discurso de ferozes combatentes da corrupção e do que eles chamam de "velha política". Mas, na prática, parecem fazer vistas grossas aos "velhos políticos" e às mesmas práticas apontadas como corruptas, desde que sejam úteis para o "movimento". É o que acontece em Vinhedo, onde a origem do MBL se confunde com o poder do ex-prefeito Milton Serafim, do PTB, condenado a 32 anos de prisão por receber propina em troca da facilitação de licenças de loteamentos. O ex-prefeito também é alvo de acusações do Tribunal de Contas de São Paulo por falta de comprovação de gastos da ordem de mais de R$ 120 mil na edição de 2002 da famosa festa da uva da cidade.

Serafim também foi condenado, no ano passado, por envolvimento em um esquema criminoso de âmbito nacional que lesou os cofres em cerca de R$ 110 milhões. O esquema ficou conhecido "máfia das sanguessugas" porque utilizava a compra de ambulâncias para o desvio de dinheiro. Sentenciado a dois anos de prisão, o ex-prefeito recorre em liberdade, assim como também aguarda em liberdade o julgamento de recurso da sua condenação por recebimento de propinas na liberação de loteamentos na cidade.

A proximidade do MBL com a administração municipal de Vinhedo começa em 2014, quando Serafim se vê obrigado a renunciar e assume o vice Jaime Cruz (PSDB). No início de 2016, Cruz também foi acusado de participação num esquema de superfaturamento da merenda escolar na cidade.

O MBL tem presença forte em Vinhedo. São de lá os três irmãos proprietários da "associação privada" Movimento Renovação Liberal (MRL), responsável pelo recebimento de todos os recursos arrecadados pelo MBL com a venda de apetrechos de propaganda e com as filiações.

Os irmãos Renan e Alexandre Santos, além de proprietários do MRL são fundadores do MBL e vivem em Vinhedo. Renan é coordenador nacional e uma das figuras mais expoentes do MBL e, a acreditar nos discursos anticorrupção e contra a "velha política" do grupo, seria de supor que dessem combate também às velhas práticas políticas locais. Mas não é isso o que acontece. Muito pelo contrário: os irmãos Santos costumam frequentar a Câmara de Vereadores não para bradar contra a "corrupção" ou por "novas práticas" na política, mas para ameaçar os parlamentares que se opõem aos seus aliados políticos de ocasião.

Em reportagem publicada na revista Carta Capital, o jornalista Henrique Beirangê conta que Renan e Alexandre Santos têm como prática insultar quem denuncia irregularidades na atual administração do município.

Golden boys. Os resultados obtidos pelos brasileiros têm impressionado a sede nos Estados Unidos. "Em 2004, 2005 tinha umas dez pessoas no Brasil que se identificavam com o movimento libertariano [libertarians é como os jovens da nova direita pró livre mercado – defensora da autonomia absoluta do indivíduo sobre o coletivo – passaram a se intitular para evitar o desgaste do termo ultraliberal].

REVISTA REVELA DOIS MESES DE CONVERSAS NO WHATSAPP DO MBL

O MBL se prepara para entrar de cabeça na campanha presidencial de 2018. E, a depender da movimentação e decisão de seus líderes mais conhecidos nacionalmente, o candidato já está escolhido. É o prefeito paulistano João Doria. A aproximação das lideranças do MBL com Doria tem sido largamente divulgada na mídia, mas reportagem do jornalista Bruno Abbud publicada pela Revista Piauí em 3 de outubro mostra que as pretensões do grupo junto com o prefeito são bem mais ambiciosas.

A reportagem se baseia em 685 páginas de conversas registradas num grupo do WhatsApp chamado "MBL-Mercado". O grupo foi criado por um apoiador do MBL para servir com interface entre o movimento e executivos de médio e alto escalão do mercado financeiro, com o objetivo de levantar dinheiro para as ações do grupo. Além de todas as principais lideranças nacionais do MBL (Kim Kataguiri, os irmãos Renan e Alexandre Santos, Fernando Holiday, Arthur do Val, entre outros), pelo menos pelo menos 158 funcionários de instituições como Banco Safra, XP Investimentos e Merrill Lynch integravam o grupo até o final de setembro. A revista Piauí teve acesso aos históricos das conversas entre os dias 25 de julho e 27 de setembro.

A decisão de apoiar Doria é reafirmada em diversos momentos, inclusive o grupo festeja a informação postada por uma das lideranças ("jd será candidato"), mas o movimento se atribui a uma missão maior. Postagens de Renan Santos afirmam: "Com ou sem psdb. A aliança q pode lhe eleger está no pmdb dem evangélicos agro e mbl. Nosso trabalho será o de unir essa turma num projeto comum." (...) "Espero, de coração, q a tese q a gente defende (aliança entre setores modernos da economia + agro + evangélicos) seja aplicada. É a melhor forma de termos um pacto político de centro-direita, q dialoga com o campo e com a classe C".

Roer o PSDB. *"Os debates acalorados aconteciam, no entanto, quando o grupo falava de seu principal assunto no momento: o PSDB. Em meio a uma guerra fria entre o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o prefeito paulistano, João Doria (...), o partido é tratado como um território a ser pilhado pelo MBL. O movimento quer drenar parte das jovens lideranças tucanas – as quais chamam de 'cabeças pretas' –, deixando os decanos do partido – os 'cabeças brancas' – à deriva", relata a revista.*

Hoje, dentro da rede global do Students for Liberty, os resultados que a gente tem são muito bons. Uma das maneiras de medir o desempenho das regiões é o número de coordenadores locais. Em todas as regiões, contando a América do Norte, a África, a Europa, a gente tem mais coordenadores que qualquer região separadamente. Nos Estados Unidos, a organização existe há oito anos; na Europa, há quatro; aqui, há três anos. Então, a gente está tendo mais resultado em muito pouco tempo e isso acaba se traduzindo em maior influência na organização."

Há dois brasileiros entre os dez membros do International Board do Students for Liberty, e o relatório de 2017 dedica uma página especialmente para as atividades do MBL no Brasil. A brasileira Elisa Martins, formada em Economia na Universidade de Santa Maria (RS), é a responsável pelos programas internacionais de bolsas de estudo e treinamento de lideranças jovens na Atlas Network, marca de fantasia da Atlas Economic Research Foundation, considerado um nome pouco palatável pelos jovens. A palavra Network veio para dar um nome mais conectado, moderno, enfim, jovem à organização mãe do SFL, EPL e MBL.

US$ 800 milhões. Os programas da Atlas são realizados em parceria com outras fundações, principalmente o Cato Institute, a Charles G. Koch Charitable Foundation e o Institute of Human Studies – fundações ligadas à família Koch, uma das mais ricas do mundo. Juntas, as 11 fundações dos Koch, bancadas pelas Koch Industries, despejaram 800 milhões de dólares nas duas últimas décadas na rede americana de fundações conservadoras.

As principais atividades da

Em uma das mensagens, Kim Kataguari responde a um militante que temia uma eventual adesão do MBL ao PSDB: "A ideia é deixar todo esse povo podre afundando com o psdb e trazer a galera mais Jovem e liberal pro mbl". Ao que Alexandre Santos emendou: "Mas não estamos nos juntando ao PSDB. Muito menos ao Aécio, Beto Richa e Alckmin". Ao serem questionados se o MBL teria "algum preconceito com pessoal mais velho", referindo-se aos tucanos mais antigos, Kataguiri teclou: "Com os do PSDB temos preconceito, conceito e pós-conceito. São pilantras". "No dia seguinte, Renan reforçou, em um áudio enviado ao grupo: 'Não bastava a gente tirar o PT do poder, estamos destruindo o PSDB ali, essa ala de esquerda [do PSDB] tá desesperada", conta a reportagem.

Os principais alvos tucanos registrados nas mensagens são os senadores Aécio Neves e José Serra, e também o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. A certa altura, um dos integrantes do grupo afirmou, depois que Renan Santos chamou Serra de esquerdista e "vagabundo": "PSDB e Serra morreram para mim. Carga total no Novo/MBL/VPR e Doria". A TLP seria aprovada dias depois, lembra a Piauí.

"Não faltam, é claro, porretadas em Dilma, em Lula, no PT, no PSOL, em Marina Silva e na Rede. Mas outros possíveis adversários aparecem com mais destaque: Jair Bolsonaro ('tosco', 'ignorante', 'sem noção', 'inadmissível') e Luciano Huck – que, caso saia candidato, poderia 'diluir o voto da direita', enfraquecendo Doria. 'Ele é piada', disse Renan Santos. Quinze minutos depois, completou: 'Huck é lixo. Politicamente correto, desarmamentista, ambientalista de boutique, intervencionista'", afirma a reportagem.

O apoio à candidatura de Doria dá o tom em várias conversas durante os dois meses de debates. E, por fim, a revista avalia que o "esvaziamento do PSDB engendrado pelo MBL no grupo de WhatsApp, parece ter como objetivo final tirar o prefeito de São Paulo, João Doria, do partido". Quando o prefeito de São Paulo disse publicamente que aceitaria se candidatar à Presidência pelo PSDB, outro participante comemorou: "Go Doria."

Já o presidente Michel Temer é considerado um aliado de ocasião. Durante uma discussão sobre reformas, Renan Santos disparou, referindo-se a Temer: "E é o seguinte: vamos tentar botar pra frente essa Previdência. Ainda dá tempo. O zumbizão ta lá pra isso kkk".

Koch Industries? Exploração de óleo e gás, oleodutos, refinação e produção de produtos químicos derivados e fertilizantes.

Não é preciso ser expert em geopolítica para imaginar o que significa a Petrobras nesse contexto e por que o MBL defende tanto a privatização da estatal.

Outra parceira importante é a John Templeton Foundation, de outro bilionário americano. Essas fundações têm orçamentos bem maiores do que a Atlas e desenvolvem programas de fellowships em que entram com recursos e a Atlas com a execução. Um exemplo desses projetos é o financiamento da expansão da Students for Liberty com recursos da John Templeton, fechado em 2014 com mais de US$ 1 milhão de orçamento.

El País: lado nebuloso. Reportagem publicada pelo site brasileiro do jornal El País, em 29 de setembro, (https://goo.gl/Jauwn7), afirma que "há um lado nebuloso sobre como se organiza e se mantém financeiramente" o MBL. O jornal investigou o recebimento e a gestão dos recursos recebidos pelo MBL por meio de doações, vendas de produtos e filiações. A reportagem relata que esses recursos são destinados a uma "associação privada" – como consta no site da Receita Federal – chamada Movimento Renovação Liberal (MRL). De novo, a semelhança sonora não é mera coincidência.

A "associação privada", conta El País, "está registrada em nome de quatro pessoas, sendo três deles irmãos de uma mesma família: Alexandre, Stephanie e Renan Santos. Este último é um dos coordenadores nacionais do MBL e um dos rostos mais conhecidos do grupo".

A base de operação dos irmãos Santos e do MRL é a cidade de Vinhedo. A família Santos responde atualmente a 125 processos na Justiça, relativos a negócios que tiveram antes da criação do MRL, e é envolvida até a medula com a política partidária local *(leia mais sobre a ação deles em Vinhedo neste boletim)*. "Em mais da metade das ações judiciais a que respondem, o tempo para Renan e sua família se defender já passou, tornando a dívida líquida, certa e exequível. Esses processos correram à revelia, o que quer dizer que os acusados sequer se deram ao trabalho de defender-se na Justiça. As cobranças estão sendo realizadas pelos tribunais, mas não têm tido resultado, visto que oficiais de Justiça não encontram valores nem nas contas das empresas, nem nas de seus proprietários", relata o jornal.

PESQUISA

Restaurante na sede da ADunicamp: Como deve ser o serviço a partir de 2018?

Para participar da pesquisa, acesse o link abaixo e responda ao questionário.

https://goo.gl/forms/DDWU2NG6kY8FsdN33

MBL É CONTRA O LOTEAMENTO DE CARGOS, DESDE QUE NÃO SEJA EM BENEFÍCIO DE SEUS MILITANTES

Grupo pede a demissão de repórter da Folha de São Paulo que mostrou contradição entre o discurso e a prática

O discurso do MBL não costuma resistir a um teste de realidade. Ao surgir, anunciou-se como um "movimento apartidário", mas estão cada vez mais conhecidas suas ligações com os segmentos mais conservadores, e à direita no espectro político, de diversos partidos, junto aos quais tem movido uma guerra sem tréguas contra os avanços sociais e democráticos conquistados pelo povo brasileiro desde o fim da ditadura militar, com a Constituição de 1988, e principalmente nos anos mais recentes.

E é claro que o MBL cobra seu preço, e aí o agrupamento revela mais uma de suas contradições. Sim, porque uma das bandeiras agitadas freneticamente pelos rapazes do MBL é a que ataca o loteamento de cargos nos governos. Uma causa justa se fosse verdade. Mas, p'ra variar, não é. É o que mostra reportagem publicada em julho deste ano pela Folha de São Paulo sob o título "Membros do MBL, de discurso contra o loteamento, ocupam cargos pelo país". A reportagem, assinada por Felipe Bächtold, com colaboração de Ana Luiza Albuquerque, identifica "lideranças do movimento nos protestos nomeadas para cargos", além de em Florianópolis, também "em Porto Alegre, Goiânia, Caxias do Sul (RS) e São José dos Campos (SP)". O perfil desses indicados seria "jovem e de início na carreira pública."

A publicação relaciona os argumentos de algumas das prefeituras e secretarias, bem como do próprio MBL, para defender a moralidade dessas indicações. Kim Kataguiri, um dos principais líderes do MBL, afirma, de acordo com a Folha, que as "indicações foram 'técnicas', não políticas, e que o movimento quer levar 'pessoas com capacidade para a máquina pública'". A partir daí, a matéria confronta os indicados que investigou com as justificativas.

Com relação a Ramiro Zinder, ex-candidato a vereador pelo DEM em Florianópolis que hoje tem cargo na Secretaria de Turismo, por exemplo, Kim diz que ele "é qualificado para a função". Sobre Silvio Fernandes, hoje presidente do Instituto de Previdência dos Servidores Municipais "com salário de mais de R$ 10 mil", Kim afirma que ele "atua para 'reformar a Previdência localmente', como o movimento defende nacionalmente", e que o que o MBL critica é "o cabide de emprego".

Como sempre acontece quando é confrontado pela realidade dos fatos, principalmente quando esses fatos não são de seu interesse, pois revelam o abismo existente entre seu discurso e a prática, o MBL reagiu não tentando restabelecer a verdade, pois isso seria impossível, mas para desqualificar o jornalista e seu trabalho. Em vídeo gravado por Kim Kataguiri e publicado no canal do grupo no YouTube e reproduzido nas páginas das redes sociais, o líder do MBL negou a existência de qualquer contradição e chamou o autor da matéria de "militante político travestido de jornalista".

Kim sustentou que não houve qualquer conchavo realizado pelo movimento para os nomes em questão assumirem cargos, mas sim que eles os obtiveram por apresentarem a qualificação necessária. Voltando-se ao jornalista, Kim perguntou se "ele fez essa mesma pesquisa com a UNE, o MST, ou com as indicações de cabides de emprego que de qualificação técnica não têm absolutamente nada".

Divulgou ainda, logo em seguida, a gravação integral da sua conversa com o próprio autor da matéria.

E concluiu, pedindo explicitamente a demissão do repórter: "Até quando a Folha vai manter na sua folha de pagamento militantes políticos que se travestem de jornalistas?"

Em sua carta de princípios, o MBL defende a proposta honrada e justa da liberdade de imprensa. Mas não necessariamente aceita a liberdade de imprensa para quem manifesta opinião contrária às suas, ou mostra suas contradições.

Para o MBL, o Estado e a política não podem ter ideologia. Mas, honrados e bons, eles defendem ideologia claramente identificada. E também um Estado com ideologia claramente identificada.

"Três membros desta mesma família, além de uma quarta pessoa, aparecem como únicos associados da Renovação Liberal, a entidade privada 'sem fins econômicos e lucrativos' que recebe o dinheiro do MBL", diz a reportagem. O estatuto do MRL foi registrado em cartório em julho de 2014, como se fosse uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), forma de associação que permite aos doadores descontar do Imposto de Renda as colaborações feitas.

Mas, de acordo com a investigação feita pelo El País, "até hoje, o Movimento Renovação Liberal não consta no cadastro nacional de OSCIP disponibilizado pelo Ministério da Justiça". O CNPJ registrado é de uma "associação privada", criada em março de 2015, cuja atividade principal é "serviços de feiras, congressos, exposições e festas".

"Além disso, apenas Stephanie Liporacci Ferreira dos Santos, irmã de Renan Santos, aparece na Receita Federal como presidente da entidade. Ou seja, o que aparece na Receita não corresponde ao quadro societário que aparece no estatuto da associação. O endereço do Renovação Liberal fica, atualmente, num bairro nobre da zona sul de São Paulo, no mesmo imóvel onde está a sede nacional do MBL", relata.

Embora o MBL afirme que o MRL é apenas um apoiador do "movimento", auxiliando na realização de eventos, a relação entre eles, segundo apurou El País, é íntima e orgânica. "O dinheiro doado ou repassado ao MBL é canalizado para o Movimento Renovação Liberal da seguinte maneira: quando alguém doa (e se filia) ao MBL, paga uma taxa por meio de um serviço de internet (PayPal). O dinheiro, então, é direcionado ao CNPJ do Renovação Liberal. Também a venda de artigos vinculados à marca, como bonecos pixulecos, canecas e camisetas, tem os recursos direcionados à entidade de Renan e seus irmãos, como constatou este jornal ao fazer compras na página do movimento".

Tanto o MBL quanto a associação Renovação Liberal nunca apresentaram ao público uma prestação de contas, embora tenham sido impelidos diversas vezes a apresentar suas contas publicamente.

Tamanho família. Renan Santos, o irmão e familiares especializaram-se em negócios estranhos. As empresas da família respondem a uma série de ações judiciais. A atividade de alguns desses empreendimentos chama a atenção.

A Portex Comércio de Esquadrias de Metal, anteriormente chamada Braido Silva e Filhos Ltda. e ainda RDC Solutions Comercial Ltda., e também Pereira e Marcondes Ltda., oferece uma gama de serviços. Sediada em Jundiaí, a companhia continua com registro ativo na Receita Federal.

Segundo a Junta Comercial, a Portex presta serviços de incorporação de empreendimentos imobiliários, comércio de produtos siderúrgicos e atacadista de materiais de construção. Embora atue em tantos segmentos, a sede fica em um imóvel servido por uma portinhola.

Na entrada, um cartaz pede para a correspondência ser entregue em um modesto bazar ao lado. Renan deixou a sociedade e Alexandre é o principal sócio de um empreendimento com capital de R$ 400 mil reais. No bazar, ninguém soube dizer quem são os irmãos. "Nem conheço. Sempre tá fechado."

As sucessivas mudanças no quadro societário também despertam a atenção. Uma das parceiras, até 2012, foi a RSA Administradora de Bens Ltda. Com endereço em uma cidade pobre do interior da Bahia, Simões Filho, a empresa está registrada em uma rua na qual nada mais há do que casas humildes. Em Simões Filho, ninguém nunca ouviu falar da RSA ou dos irmãos Santos.

Eles operam e entendem de várias áreas no amontoado de empresas que coordenam. Lâmpadas, materiais elétricos, viagens, turismo, distribuição e logística, esquadrias e materiais metálicos, estamparia, metalurgia, filmagens, construção civil, panificadora, engenharia etc.

A trajetória obscura dos negócios dos irmãos não fica nada a dever ao nascimento do MBL na cidade de origem dos irmãos, Vinhedo. Os irmãos Santos vivem em uma ampla casa em um terreno de mil metros quadrados, no Condomínio Estância Marambaia. Segundo a escritura, a propriedade está no nome de Stephanie Liporacci Ferreira dos Santos, a irmã dos dois, que vive na Alemanha, e aparece na Receita Federal como integrante do quadro societário e presidente do MRL.

Na escritura, o imóvel é avaliado em 860 mil reais, muito abaixo do valor estimado por corretores locais: entre 1,5 milhão e 4 milhões de reais. Coincidência ou não, parte das contribuições ao MBL é destinada a uma conta de Stephanie Santos, conforme reportagem publicada em abril de 2016 no portal

EXPEDIENTE - Boletim da ADunicamp é uma publicação da Associação de Docentes da Unicamp. Esta edição, produzida pela equipe de Comunicação da ADunicamp, contou com a colaboração do jornalista Jary Mércio na pesquisa de campo e consultoria de pesquisadores da Unicamp.
Endereço - Av. Érico Verissimo, 1479 - Cid. Universitária - CEP 13083-851 - Campinas/SP - Fone.: (19) 353212479 - **www.adunicamp.org.br**

UOL, da Folha de São Paulo.

Juventude tucana questiona MBL. A reportagem do El País lembra uma recente troca de farpas entre a Juventude do PSDB-SP e a Juventude Nacional do PSDB envolvendo o MBL. Conforme amplamente noticiado, a Juventude Nacional tucana e o MBL se aproximaram recentemente.

Mas a juventude tucana paulista questionou duramente essa aproximação e, em 22 de agosto, divulgou uma nota pública na qual afirma: "Hoje, o MBL tem sua agenda esgotada, e não se observa mais utilidade a esta organização que, aliás, nunca deixou clara sua origem, seu funcionamento e, principalmente, seu método de financiamento. (...) A Juventude do PSDB do Estado de São Paulo aproveita, ainda, para convidar o Movimento Brasil Livre ao debate honesto e transparente sobre o seu modo de financiamento, desafiando-o publicamente a disponibilizar prestação de contas periódica do movimento".

Em resposta, o presidente da Juventude Nacional do PSDB, André Morais, disse que "respeita a posição da ala paulista da entidade", mas que ela não representa a opinião do órgão nacional. "Temos mais semelhanças do que diferenças com o MBL", afirmou Morais. ■

Discurso de Marco Antônio*

Senhores

Vim para enterrar Cesar, não pra elogiá-lo. O mal que os homens fazem vive depois deles... o bem é quase sempre enterrado com seus ossos. Seja assim com Cesar. O nobre Brutus disse a vocês que Cesar era ambicioso. Se isso era verdade era um grave defeito. E gravemente Cesar o pagou. Pagou com a vida, aqui, pelas mãos de Brutus e dos outros. Pois Brutus é um homem honrado, e assim são todos eles, todos homens honrados. Venho para falar no funeral de Cesar. Ele era meu amigo, fiel e justo comigo. Mas Brutus diz que ele era ambicioso. E Brutus é um homem honrado. Ele trouxe para Roma uma multidão de cativos, cujos resgates encheram nosso tesouro. Isto em Cesar parecia ambicioso?
Sempre que os pobres sofriam Cesar chorava; ora, a ambição deveria ser de matéria mais dura. Mas, Brutus diz que Cesar era ambicioso.
E Brutus é um homem honrado.
Eu não falo aqui para desaprovar o que Brutus falou. Estou aqui para falar do que sei. Vocês todos o amaram e tinham razões para amá-lo.
Qual a razão que os impede agora de chorar sua morte?

Ó Justiça! Fostes morar com os animais selvagens, pois os homens perderam o raciocínio! Ainda ontem, a palavra de Cesar podia enfrentar o mundo. Agora aí
jaz. E ninguém que o reverencie.
Se tendes lágrimas, preparai-vos agora para derramá-las.
Todos vós conheceis este manto; eu me lembro da primeira vez em que Cesar o usou. Olhai: por aqui penetrou a adaga de Cássius; vede o rasgão que fez o invejoso Casca. Por aqui passou o punhal do bem amado Brutus. E ao retirar seu aço maldito notai que o sangue de Cesar o seguiu como correndo à porta, a fim de convencer-se de que era Brutus mesmo quem batia de modo tão cruel.
Pois Brutus, como o sabeis, era o anjo de Cesar. Julgai, Ó deuses, como Cesar o amava!
Este foi o golpe mais cruel de todos, pois quando o nobre Cesar viu-o apunhalando, a ingratidão, mais forte que a mão dos traidores, o derrotou completamente. Aí seu poderoso coração partiu-se...e escondendo o rosto neste manto, o grande Cesar caiu aos pés da estátua de Pompeu que escorria sangue o tempo todo. Oh, que queda foi aquela, camaradas! Eu, vós, nós todos caímos nesse instante, enquanto a traição sangrenta crescia sobre nossas cabeças.
Eu não vim para acirrar paixões;
Apenas falo reto e vos digo somente o que todos sabeis.
Mas fosse eu Brutus – e Brutus, Marco Antônio, e haveria aqui um Marco Antônio capaz de sacudir as almas, colocando uma língua em cada ferida de Cesar, para erguer em revolta as pedras de Roma!
Pois este era um Cesar!
Como ele, que outro haverá?

* ("JULIO CESAR" de William Shakespeare – tradução de Millor Fernandes)

MBL RECEBEU DINHEIRO PARA APOIAR O PMDB DE TEMER, DENUNCIA EX-COORDENADOR

Em 18 de junho de 2016, o site Diário do Centro do Mundo, entrevistou o coordenador regional demissionário do MBL no Espírito Santo, Bráulio Fazolo. A entrevista revela profundas contradições nas ações do movimento e pode ser lida na integra acessando o link: https://goo.gl/RGY9C1.

"No dia 12 de junho, Bráulio Fazolo, coordenador regional do MBL no Espírito Santo, deixou uma mensagem pública na página do grupo no Facebook informando sua decisão de sair do grupo", relata o DCM.

"O motivo era o apoio do MBL ao PMDB em troca de ajuda financeira e o uso do 'movimento' como ferramenta de autopromoção por parte de alguns integrantes".

"Estou saindo da coordenação do Movimento Brasil Livre Espírito Santo representado aqui na figura de sua coordenadora geral Raquel Gerde pelos seguintes fatos: após a sua confirmação pessoal de filiação ao PMDB e pela sua postura pessoal que vem defendendo de forma aberta escancarada esse partido, usando a mim e as pessoas do movimento para autopromoção política, não compactuo com corrupção e não defendo corrupto, defender o PMDB que é um partido tão corrupto quanto o PT é fazer associação criminosa", escreveu Bráulio.

Moradora de Guarapari, principal ponto turístico do Espírito Santo, Raquel Gerde tem 60 anos e foi candidata a deputada estadual em 2014 pelo PC do B. Na entrevista ao DCM, Braúlio Fazolo fala sobre o papel exercido por ela na coordenação do MBL/ES e detalha os motivos que o fizeram sair do grupo.

Leia, abaixo, alguns trechos reveladores da entrevista.

Como você chegou ao MBL?

Eu já tinha participação ativa nas manifestações, pouco antes da votação do impeachment [de Dilma Rousseff] no Congresso. Tinha amigos do MBL e de outros movimentos daqui da Grande Vitória, como o Fora Dilma e o Levanta Brasil. Foi numa dessas manifestações que conheci a coordenadora geral do MBL aqui no ES, Raquel Gerde, que inclusive é uma das coordenadoras gerais do MBL nacional. (...) Ela me convidou para participar da coordenação aqui no ES, alegando que precisavam de alguém para cuidar dessa parte digital, da criação do site, do banco de dados para cadastro.

O que te levou a sair do grupo?

Foi após uma discussão. O MBL se modificou bastante desde a votação do impeachment no Congresso. Uma coisa que eu quero que fique clara é que o movimento recebeu dinheiro do PMDB. Não só do PMDB, mas de alguns outros partidos, mas vou citar o PMDB em especial porque o nome do partido foi falado internamente nas reuniões. É um assunto que a gente nunca levou para fora dos grupos internos, dos núcleos. (...) Essa questão do PMDB ter destinado fundos para pixulecos, panfletos, movimentação de pessoas que foram a Brasília acompanhar o impeachment sempre foi tratada com bastante tranquilidade, porque eles passavam para a gente que o PMDB era uma peça fundamental no impeachment. Assim, o MBL caminharia com o PMDB até a votação [do impeachment].

Assim como você, tem outros membros da coordenação insatisfeitos?

Da coordenação, uns 70%. A gente começou a estranhar… A questão financeira do MBL no ES sempre foi pessoal. Por exemplo, o site. As despesas de criação, registro de domínio, servidor, eu arquei com tudo, e quando a gente tinha que fazer determinadas movimentações, a gente fazia uma espécie de vaquinha, juntava todo mundo. Só que alguns recursos começaram a aparecer sem que fosse informado de onde vinha, de quem vinha, e o que é pior, onde estava sendo aplicado, porque da mesma forma que eles não informavam quanto foi angariado, eles também não informavam p'ra onde esse valor foi destinado especificamente, por exemplo, um Pixuleco gigante custou uns 30 mil reais. Houve manifestações que custaram uns 60 mil reais e a gente sabe que não eram recursos angariados entre os integrantes. É um assunto que nunca foi tratado muito bem, mas a gente sabia que existia o dinheiro que vinha do PMDB, a gente não sabia quanto, da mão de quem ele vinha e como esse dinheiro estava sendo aplicado.

NADA DE TRANSPARÊNCIA

Em outros trechos da entrevista, Bráulio questiona a centralização absoluta e falta de transparência da coordenadora do MBL no espírito Santo, Raquel Gerde.

"Ela é a representante nacional e uma das coordenadoras nacionais. É quem passa como o movimento vai agir, como vai se movimentar. (...) Financeiramente tudo passava por ela. Inclusive, ela utiliza contas pessoais para destinar esses recursos. A falta de transparência foi gerando dúvidas e com o passar do tempo, começaram a existir orientações da Raquel para evitar postagens contra o governo atual e contra o PMDB, que não era interessante. Se você pegar a página do MBL, tanto no nacional como no Espírito Santo, você não vai ver nada contra o governo atual. (...) Eu comecei a questionar, falei assim, 'tem alguma coisa errada acontecendo'. Questionei a questão financeira, a falta de transparência e o apoio repentino do MBL ao PMDB e ao governo Temer".